Grito Vital

C. J. Jacinto

(GRITO VITAL)

Clávio J. Jacinto

(TagS pOÉtiCas)

(Calvário de minhas consolações)

(Montanhas Interiores)

(A Primavera de Toda a Esperança) (Tribulações) (Redenção)

(Mananciais) **(Lâmpadas)** **(PEREGRINO CRISTÃO)** **(CRISTAL)** (Viva Esperança) **(Consolado)** **(Sorrindo na Tempestade)** (consumação) (Jardim, de Esperança) (Cruz Cruel) **(ESPERANÇA)** (Uma vez: Por Todos) (Considerações) (Refugio) (O Começo e o Fim)

(Planície de Ermos Floridos) (Sublime Redenção) **(Borboletas)** **(Nova Jerusalém)** (Perante o Obvio) **(Semeadura Cortante)** **(Cinzas e Flores)** *(Castelo e Pó)* **(Ressurreição)** **(Contemplar)** **(CRISÁLIDA)** (Libertação) (Terra da Cruz) **(Bendita Aurora)** **(VITAL)** *(Estação)* **(Amor)** ***(Soneto da Misericórdia)*** ***(Cume)*** (Áurea Redenção) **(Alvorecer)** **(Ressurreição)** *(Poentes e Temporais)* ***(Doce Redenção)*** **(Redenção Amarga)** ***(Lírios)*** **(PROFUNDIDADE E PERCEPÇÃO)** (Campo de Relvas) (Verticais) **(Celeste Vital)** **(Arado)** (Paradise) **(Ressurreição Primeira)** **(A PRAIA)** (Céu) **(Monte Calvário)**

(Amor e Perdão)

“A Teologia sem uma experiência espiritual é similar a uma filosofia.” Léon Fenton

"Eu nunca tive uma aflição que não se transformasse em um poema." Goethe

Êxodo

Às vezes o romper dolorido de uma estrutura que nos protege
É uma porta que se abre para abandonarmos a condição dura de rastejar no mundo
Para uma ascensão da alma
Ao Trono da graça
Num ato de rendição e dependência completa de Deus

C. J. Jacinto

(Calvário das Minhas Consolações)

I

Os lírios brancos cantam nos pântanos negros

As estrelas fixas dançam no firmamento

Brado que ecoa nas ruas dos meus temores voláteis

Consolo que o aroma da noite de luar liberta

II

Nós mortais nesse monturo de mortalhas

Soldados no ímpeto de tantas dores desfalecidas

Choramos com os espinhos das roseiras de verão

As lamentações de um Jeremias de alma ferida

III

Nas primícias póstumas de todos os juízos

O pão do sofrimento que flutua nas lembranças árduas

Como a vitrola desafinada que canta sem doçura

As entranhas fecundas desse chão nas estradas

IV

Como alento de raivas no coração desconsolado

Os consolos frágeis de uma relva ofertório de orvalhos

Vi eu mesmas nesse jardim penúrias ancoradas

Náufragos medos recuados á sombra do carvalho

V

Quais vozes que de Sião ainda faz o prenuncio

Que por mais tenaz que seja as pálidas dores

No Calvário que de eterna voz faz o bom anuncio

Do Cristo que toma sobre si todos nossos dissabores.

(As Montanhas Interiores)

As montanhas possuem cume

Ígneas fontes que levam ao lume

Possuem mistérios indecifráveis

Flores exóticas e aromas inefáveis

Possuem regaços e vales escuros

Seixos e vertentes, basalto duro

As montanhas possuem uma definição

São indomáveis limiares na elevação

Berço das chuvas rudes e apavorantes

Portal das sombras e seus instantes

Frutos maduros em branda doçura

Folhas livres de outono, in natura

As montanhas são azuis e verdejantes

Rochas purpúreas, esmeraldas infantes

São rastros escritos na suspensa neblina

Selva selada, jardim selvagem que nos fascina

As montanhas possuem o coração gelado

Reino lírico, hermeticamente fechado

(A Primavera de Toda a Esperança)

I

Partiu meu coração ferido por caminhos índigos, céu magenta, sol fervente em crepúsculo da tarde, minhas sonoras pausas oníricas visão de uma páscoa, em sonhos vertentes de mananciais

II

Oh! Pobre coração fragmentado por gemidos tantos, como pedra lavrada por furações de cinzėis, distúrbios na calada da noite, anos enfermos como fim dos tempos entre ampulhetas embriagadas

III

Todo o equilíbrio da vida consiste em manter a calma diante das aflições, perseverar na esperança diante das tribulações e ter a resiliência de viver todas as contradições que a vida nos traz

(Tribulações)

O céu adormeceu na penumbra
Nas masmorras de seus infinitos
Nostalgia e tristeza perduram
Lembranças e rumores do norte
As estações morreram
As cores do verão adormeceram
Nesse oceano de todos calafrios
Pássaros de seda carregam lágrimas
Bebem da fonte do meu coração
A sinfonia de meus choros
O manto desbotado de Jeremias
Jerusalém adormeceu nas flores
E eu aqui nesses tormentos
Um numinoso gemido da alma
Num anseio o prelúdio da calma
No cimo dos olhos eu vejo
O terror desses vendavais
Não espreito a voz que clama
Vinde a mim e eu corro
É Ele, o príncipe da paz.

(Redenção)

Qual rosa desabrocha em gelo
Nos contornos endurecidos da dor?
Nos pecados que me levam
Ao exílio de longínqua escuridão
Sem o brilho da gloria celestial
Dos pesares que pesam o coração
Nos limiares de meus lamentos
Nas masmorras sujas da impiedade
Em suma a arguta voz nociva
Das revoltosas calamidades
Meu Deus ! Quão sinistro é
Tão assombrado e terrível caminho
Dessas trevas da queda humana
Das curvas insípidas de um banido
Tua misericórdia impediu de ser consumido
Entre as cinzas e o pó das angústias
Numa tempestade vieram as Mãos
Que dum amparo desde a manjedoura
Resgatou-me dessa tão vil escuridão
Oh meu Senhor! Bendita é vossa redenção.

(Mananciais)

Ribeiros que trazem refrigérios
Brisas que amenizam o meu rosto
É seca a travessia da vida
Mas a Suprema majestade é
Meu manancial

Nos átrios do meu coração
Cantos canções de alegria
Cristo é meu precioso descanso
O cordeiro poderoso e manso
Protege-me do desespero

Cheiro de pitangas e amoras
O Paraíso é um sonho restaurado
O amor divino e a misericórdia
São as bases de minha esperança
Não creio em Vão

Como o estandarte é a cruz
Onde Cristo padeceu por redenção
Levanto os olhos ao infinito
Agradecido choro e grito:
Obrigado meu Senhor pelo perdão!

(Lâmpadas)

Dos astros ásperos da noite
Em tumbas côncavos jazem
As fogueiras da tarde sepultada
Num lamento calmo dos pássaros
A agonia cósmica do escuro
Paredões de incertezas meu medo
O frio cortante desse enredo
As tramas sutis véspera madrugada
Um passo cego no lugar nenhum
Sem sentido algum
Oh, deu-me Deus uma lâmpada
De radiante e intenso brilho
Luz que alumia nessas densas trevas
Seu unigênito Filho

(Peregrino Cristão)

Se secas são as vidas lá fora
Num mundo moribundo
Andas com a vida abundante de Cristo
Não carregas restolhos de respiros
Mas aspirações benditas de eternidade
Não carregas em pesos angustiados
Os grilhões das falsas esperanças
Nem a sutileza das cargas do vil pecado
Ou dos prazeres de doces malignidades
Mas andas com Cristo em comunhão
Com o Pai e com o Filho
Cheio do Espírito Santo
Se trevas são os caminhos do mundo
Num sistema obscuro que jaz no maligno
Andas com Cristo a luz do mundo
Não em desertos estéreis
Mas á sombra do terceiro céu
Com um fogo das Escrituras
Que aquece o coração nesses glaciais
E as tormentas dos demônios
Nas alturas em tantas batalhas espirituais
Segues com Cristo
Em santa e bendita afeição por Ele
Pois contigo está o Príncipe da Paz

(Cristal)

Azul cristal são as águas desse rio
Puras como o coração do Redentor
Águas de amor santificado
Como as vestes da ressurreição
Transparentes e tão límpidas
Como a brisa celestial
Resplendor dourado da Santa Cidade
Maviosa mão da Vossa majestade
Oh! Maranata Vem Senhor Jesus
Das Tuas moradas tenho saudade

(Viva Esperança)

Grito aos ventos em lamentos
Como pródigo a viver errante
Num mundo de desigualdades ímpares
Meus clamores arrastando vendavais
Intranqüilo pulando lápides frias
Congestionadas nas vias da vida
Mármores e granitos desarmados
Tão somente grito a dor humana
Tortura que rasga meus abrigos
Dores que despedaçam meus abraços
Preciso do porto mais tranqüilo
Onde minha alma possa ver repouso
Olho para a terra tão devastada
E preciso encontrar a esperança viva
Ergo aos céus os olhos e minhas mãos
Encontro em Cristo a salvação

(Consolado)

Vejo meus dias antigos; assusto-me
Como não se envergonhar?
Padeço nessa triste lembrança
Nas caladas da noite me escondo
Como um fugitivo no escuro
Pois meu passado obscurece o futuro
No fardo de ninharias me consolo
Com entranhas de horrores inquietantes
Sem paz nem mesmo por um instante
AI de mim que vou perecendo!
Afogando-me no lago de tristezas
Mas uma mão possante
Toma-me com força muito maior
Cheia de delicado amor
Rasga meu passado numa cruz
Concede-me luz profunda e eterna
Todos meus recônditos estão iluminados
E em terna alegria descubro
Cristo apagou todos os meus pecados.

(Sorrindo na Tempestade)

As ondas bravejam neste mar da vida
Nuvens negras se rebelam contra a paz
Fúrias assombram nossa estrada
Tentam escurecer nosso caminho
Espinhos afiados ferem a alma
O naufrágio tanto nos ameaça
Nesse campo ácido em tantas dores
Gritamos um "ai de nós!"
Reconhecemos: somos indefesos mortais
Em meio a essa escuridão
Que tanto nos assusta e nos assola
Mas vimos uma majestosa estrela
Um brilho de aurora Jubilosa
É Cristo quem nos consola

(Consumação)

Inabalável é Teu Reino
Eterno em substância e viver
Do alto sublime trono
Ergueste sob furiosas rebeliões
O Teu Cetro infinito
Os anjos cantam Hosana!
Glória a Deus nas maiores alturas
Pois a bendita e excelsa justiça
Atará tais laços de ternura
Será a equidade da vida futura
Vencestes oh Senhor
Através da vergonhosa rude cruz
Por entre espinhos despidos
Os cravos penetrantes erguidos
Até subornar a Tua eterna coroa
Mas a vitória teve no tempo
Um estrondoso e épico brado
Pois vencendo o império da morte
Aquele que reinava ao vil pecado
Do grito esplêndido de tua voz
Pra sempre selaste pra sempre
O triunfo
Num grito humano: "Está Consumado”

(Jardim de Esperança)

Repousa meu ser em nuvens de flores
Em mar de perfumes campos de cores
Descansa a minha alma descalça
Na relva humilde das campinas
O vento sopra entre as cerejeiras
As pétalas brancas flutuam no céu
Ainda que não queira tanto acreditar
As orquídeas dançam no aconchego
Nesse capim seco e folhas antigas
Hortênsias e lírios florescem atônitas
Nas flores do outono de minha infância
Adormeço crendo: DEUS é minha esperança

(Cruz Cruel)

Aquele sangue impetuoso
Na tempestade da cruz cruel
Derramado do alto ao chão
Caindo no pó como libação
Sobre as abominações humanas
Oh! Grave acústico "consumado"
Sangue e água saíram do lado
No auge da agonia sacrifício cruento
O meu perdão eterno
Livramento do inferno
Sangue divino assinando
A redenção no Novo Testamento

(Esperança)

Ajuda-me Senhor!
Sou peregrino nu
O pecado voraz rompeu minhas vestes
Preciso ser vestido da justiça de Cristo
É deserto esse mundo que passa
Um êxodo tão árido
Do mundo vil ao vindouro
Um cansaço cáustico que chega
Agora em mim a sede voraz
E se tenho sede
Dá-me da água da vida que é fonte
Que jorra para a vida eterna
Na minha fome intensa
Preciso do Pão que desce do Céu
Ainda mais
Escura e fria é à noite
Seja Tu meu abrigo e luz
E quando enfim chegar o fim
O peso de todas as minhas magoas
Deixarei á sombra da Tua cruz

(Uma Vez por Todos)

Tu és a Suprema majestade

Que na terra cruel gritaste as dores

Como feridas abissais que ferem a alma

Ao chão da vergonha a Tua face

Nos açoites quais trovões de ódio

Do Céu ainda a ira divina

Do juízo que dos outros tomasse

Como cálice de sentenças e amarguras

A sombra do inferno que pairava

O assombro de tal cena pavorosa

Ali mesmo até o ultimo suspiro

Nas gotas vermelhas nutrindo a terra

O denso sangue que ali corria

Levando no intimo o veneno do pecado

O fardo das catástrofes que erguias

Quão distante estavam as doces ternuras

Pusestes a segunda morte ao fim

Em meu lugar morrendo nela por mim.

(Celestial Esperança)

Em CRISTO está minha esperança
No amor de Deus a minha fé
Guardo a Palavra no Coração
Pois é fértil e cultivo afeições
O ESPIRITO SANTO me ajuda
A viver além deste mundo
Tão cruel e tão passageiro
A ver além do tempo, a eternidade
Pois Cristo pagou com seu Sangue
Tão tremenda Salvação
Deu-me discernimento e visão
Por isso além do tempo que é breve
Infinita redenção que desfrutarei
Ao lado do Senhor
Para sempre...

(considerações)

Considerando que o mundo
É carente de luz
Acendi a minha vida
Como um meio de iluminar alguns
Considerando que corações
Sem portos e destinos
Vagueiam nas estradas da vida
Resolvi ser referência e indicação
Considerando a falta de amor
Que deixa a sociedade tão enferma
Soprei a semente de minhas afeições
Para exercer perdão e caridade
Considerando os gritos confusos
De tanta gente sem harmonia interior
Resolvi cultivar o silêncio
Para que floresça a idéia profunda
Considerando os arroios de conflitos
As pelejas por palcos e holofotes
Resolvi seguir pelo brando anonimato
Onde estrelas e flores me acompanham
Considerando o egoísmo pesado
Que do aço frio se faz tantos fardos
Resolvi desprender-me de mim
Para participar da miséria do outro
Tendo tantas outras considerações
Guardadas na alma de minha vida
Resolvi uma de cada vez revelar
Para que erguidas em minha existência
Amigo, considere a si mesmo
Não sendo uma manobra alheia
Cave seu caráter na rocha do Mestre
Não na superficialidade da areia.

(Refúgio)

Os pássaros da tarde cantam
Um anuncio prévio do anoitecer
As nuvens se escondem
Os mares rugem
Mesmo assim o coração adormece
Pois encontra em Deus sublime
Descanso.
As ondas dos trigais anunciam que
O vento suave sopra
Uma força que empurra a lua
Que alumia as trevas da noite
Mesmo assim o coração encontra
Em Deus sublime
Abrigo
A madrugada desacelera o tempo
A vida em marcha lenta
A escuridão atormenta os olhos
O frio assusta a alma
Mas os piedosos adormecem em paz
Pois encontram em Deus
Proteção.

(O Fim e o Começo)

Quando arados cruzarem os limiares
Nos sofrimentos que cobriram altares
Lá estarei entre as flores da caridade
O que passou eram vaidades de vaidades
A história que cravou na côncava visão
No momento que cessaram todas as guerras
Quando hauriu da esperança tão terna
Novos céus e nova terra
Assim do assombro que tanto assustava
Da agonia louca que em mim cravava
Vi a essência que já florescia
A noite finda e o perene dia
A morte que em mim curava
Ferida fátua que pra sempre sumia
Doçura que venceu a amargura
Tão edênico jardim que reluzia
E dos meus pobres e fracos olhares
Enxugou-se deles todos os meus pesares

(Planície do Ermo Florido)

És Grandioso em Teus feitos
Teces os fios de meu destino
Cada flor de cerejeira canta na alva
Estrela da manhã que liberta a luz
Nos átrios da aurora eu jubilarei
Celebrando o dia da redenção
Em teus portões encontro o caminho
Em teus braços estarei
Já não estou sozinho
Pois além da cruz, eterna regeneração

(Sublime Redenção)

Uma coroa de espinhos
Rasgou a face do Salvador
Entre o rosto e os lábios
O fio do sangue puro
Manchava a dor de Cristo
Purificava a minha alma
O aço do fio cortante
Da agonia terrível da morte
Das suas vestes tiraram sorte
Seu sangue era o preço da redenção
A violência penetrante
Atingiu o chão do coração
O sangue que dele fluía
O testamento da nova aliança
Transpassada a carne em véu
Ele por mim se fez réu
Carne ferida de dores
Diante de seus opositores
Clamava somente ao Pai
Oh! Grandeza de oblação
Sublime e bendita salvação
O sangue de Cristo foi o preço
Redenção que não mereço
Ele venceu a vergonha da morte
O assombro de tal pavor

Para provar que o Pai era amor
Das entranhas da terra a vitória
A ressurreição de Cristo, que glória!
Esperança dos pecadores.

(Borboletas)

As borboletas voam em silêncio
Flutuam no hálito da primavera
Frágeis na força da beleza
Eternas na brevidade das estações
O infinito desliza em suas asas
O estampido da alma
Como oceano adormecido no cais
Constelações bucais
A voz da ressonância
Um cântico de maravilhas
Da larva rastejante
A borboleta entoa célebre
A voz íntima da ressurreição
Assim clama alto, a esperança
O vibrar cíclico da criação

(Nova Jerusalém)

De ouro reluzente meu rosto se ilumina

Nos átrios do amor de quem me cativou

A doçura do Evangelho mana leite e mel

Pois o preço pelo sangue foi muito alto

Tão elevado quanto os números infinitos

Que consumado na cruz com um Grito

Cristo entregando a Deus o próprio espírito

Onde estava eu quando tudo acontecia?

No tempo futuro onde eu ainda não existia

Mas já estava registrado no livro eterno

Que Deus onisciente tanto já sabia

Que o tempo me entregaria ao mundo um dia

Que fora do paraíso nesse mundo pavoroso

Ouviria o Evangelho tão glorioso

Do tempo ao fim a porta divina mais além

Me conduziria para todo sempre, regenerado

Á santa cidade a Nova Jerusalém

(Perante o Obvio)

I

Calmo, percorro as vias drenadas de meus sonhos. momentos que escoam das montanhas da existência, um fluxo que percorre a face de meus olhos, sensores de todas as luzes de pirilampos.

II

Mais uma vez chega o verão, cheio de luminescências sagradas, soltas em noites pingadas e estrelas fragmentadas, meu jeito de ver o mundo, todas as minhas respirações iluminadas.

III

O homem encontra na resiliência do silencio, na reflexão da vida, a percepção necessária para ponderar o sacro e o profano, e no coração sublime, a alma encontra o pão do amor.

(Semeadura Cortante)

Carrego dentro de mim o peso de todas as bigornas e martelos, essa alma de pedra que precisa ser marchetada e polida por dentro e por fora, áridas constelações sem brilho

II

Todas as imperfeições desse ser penado, turvo no caos profundo de si mesmo, pródigo do jardim, na efervescência de tantos pensamentos perdidos dentro de um vale confuso.

III

Clareia pois dentro de minha escuridão essa alva estrela nobre, que redime intensamente minhas angústias e revolve com arados cruzados o chão do meu pobre coração semeando nesse mundo avesso o bendito amor

(Cinza e Flores)
Ateia fogo nas palhas de um chão chamado vida, queima e devora aos confins das relvas, esse recôndito de asas pálidas que desterram nossas angústias e nos empurra às cinzas de todas decepções

Trêmulas chamas auréola da nossa pausa de cada fogo que queima a roupa tiro e ferida do gládio afrontando o fio das farpas da cruz que cremos e alentos que repousam orvalho de ressurreição

Que das escuras terras carbonizadas nos arbustos dessa alma atribulada de tantos dissabores, realça aos tímpanos o gérmen da vida eterna desabrochando em perdão e das mais lindas flores.

(Castelo e pó)

I

Ouço o clamor da alma esmagada pelas paixões do mundo, do espectro dantesco a atonia de Kafka que ao chumbo do pessimismo naufraga nas entranhas da noite forjada na agonia

II

Lâmpadas sem luz poente, escuridão que perdura nos sombrios dos vales entorpecidos por bramidos de flagelos humanos, tantas flores finadas num inverno de temores famintos num planeta sem órbitas.

III

Que de vésperas nascentes do Jordão, se encontra as pérolas mais lindas no campo das graças, pois onde nasce o amor mais puro, ali o desesperado encontra o perfume de todas as misericórdias

(Ressurreição)

I

Tu esperas a dignidade da vida, talvez como a noite fria, mas o balsamo do orvalho, como uma lâmpada morta, jaz perene em madrugada enlutada, nos porões da escuridão, o coração rasteja rente aos lampejos dourados de uma esperança.

II

Olhas alem das coisas sem forma, intimas das ausências de prismas, breu mártir, pesado como um chumbo que joga a alma para as ondas naufragas de um oceano de angustias, lá onde o choro é expulso em conta gotas.

III

No mistério das profundezas dessa tristeza, como um aço frio e cortante, cada suspiro é uma espada aguda, que corta as palavras ao meio, e dos pedaços de constelações de tão fragmentados clamores, chamas tal anseio verbal de preces.

IV

Mas te ergues das ruínas da vida que perece, como a semente que é enterrada na violência da terra suja, que mergulha na frieza de um chão de floresta escura, germina pois e explode em vida, e na fúria do vento das tempestades, como a mais fina e suave das flores, desabrocha...

(Contemplar)

Oh grandeza íntima e rara
Que tantos mistérios se hão descoberto
Mais do que o livro da vida
O da natureza totalmente aberto

As borboletas e tão suaves flores
Os pássaros e as nuvens em celestes navegações
Montanhas de flores azuladas e seus odores
Luzes a brilharem em primores constelações

Ah! Coração sensível...
Não podemos permitir que os olhos permaneçam cegos
É necessário abrir o coração
Para contemplar à Deus infinitamente...

(Crisálida)

I

Olho entre os lírios, Jardim selados de meus cálices, onde perfumes brotam da abundância de férteis primaveras, consolo celeste, vida espiritual plena, graça que outorga sorrisos

II

Por onde andas minha alma cardíaca? Felicidades em promessas de libertação quando a criação geme, a liberdaçao dos filhos do altíssimo, ante a alva nascente.

III

Como a crisálida da borboleta que lapida a glória de vôos em plenitude, meus olhos , na fé que transcende o agora, repousa nas calmarias

(Libertação)

I

Quando ainda fluíam as névoas de uma antiga lembrança, presa entre as ânsias de cordas vocais, chorei póstumas felicidades que o mundo não deu.

II

Meus olhos contemplaram as entranhas da eternidade, pêsames na alcova de grilhões doces, arrastando o aço duro de pêndulos do relógio biológico

III

Todo o homem que se enxerga cativo das ilusões da presente era, encontra libertação quando aceita a Verdade em Cristo Jesus

Terra da Cruz.

A terra ao pé da cruz
Segue agonias de dores profundas
Sangue das feridas da expiação
A terra ao pé da cruz
Recebe a vida derramada
Imaculada semente de redenção
A terra ao pé da cruz
Apóia as ânsias de um condenado justo
A morte possante do fôlego puro
A terra da cruz
Sustenta a cruz, testemunha a ressurreição
A obra de consumada (ressurreição)

Bendita Aurora

Posso ver celeste vindouro brado
Pensamentos elevados e acústicos
Deste peregrino tão rústico
Que chora as centelhas lacrimais
Forjados nas dores da alma aurora
Que breve é certo vai embora
Por entre perfumados jardins agrestes
Oh! Bendito lar campestre
Das flores em rubis brilhantes
Carmelo e Calvário de meus instantes
Lâmpadas que alumiam a mente
Fogo que aquece o coração
Das noites tão frias á redenção
Pois o Mestre do Trono está em pé
O Rei eterno na marcha de Nazaré
Vem pois buscar a Tua noiva alva
Tu que a minha alma salva
Estou pois te esperando agora
Quando vires meu Deus ao mundo
Irei contigo embora.

(Parusia)

Quando em harpas celestes anjos cantarem, o toque da trombeta enfim soar estará meu coração atento a te ouvir?

Quando miríades de santos surgirem, cantando em glória e reluzindo tais brilhos celestes do grande porvir, irei eu mesmo ouvir?

Quando Hosanas nas alturas, dessa musica divina das alturas, num clarão de razão mais aguda e os céus na sua essência mostrarem o Senhor glorioso na transparência, estarei aqui?

E se acaso dormindo no pó, aguardando a ressurreição primeira e melhor, ouvindo a ordem de comando divino ao arcanjo, com todo testemunho de multidões de anjos

Se não estiver dormindo para despertar estarei vivo a te esperar?

(Vital)

Existem feridas que só o perdão pode curar e angústias que só podem ser curadas pelo amor.

Há desânimos que só pela coragem podemos superar e medos que vencemos com a fé.

Existem momentos tristes que um sorriso apaga e tormentos no coração que a oração pode aliviar.

(A Vocação do Amor)

I

Que Cristo em devoção clama, por tão grande afeição dos homens, ainda que ingratos, no cerne do coração, precisam de uma vocação: Amar

II

E que amando possam sentir o peso divino e a suavidade de uma vida santa, que primeiro o amor conduz à obediência, pois quem ama torna-se servo do seu amado.

III

Oh alma da simplicidade! O amor é o grande ideal da vida especial, não é uma norma jogada a esmo, é um fim justo, pois é amando a Deus e ao próximo que após tal ação, amaremos por ultimo, a nós mesmos.

(Estação)

Quem me dera sonhar flores
Perfumar todas as minhas dores
Colorir todas as minhas esperas
Amar pra sempre à Deus
Até a vinda futura, eterna primavera

(Amor)

O amor sofre
Paulo diz: Tudo suporta
Pela dor se importa
O amor existe, insisto
Pois é ele quem diz:
Sofro, logo existo.

(Soneto da Misericórdia)

Clamei aos ventos meus pavores
Ao mar revolto as minhas dores
Grito de angústia aos temporais
Intensas mágoas aos vendavais
Ferido na batalha dos terrores
Nessa trama milícia de tantas dores
Cáustico no desespero atenuante
Vagas névoas do sofrer agonizante
Clamei pasmo diante das trevas
No pavor sombrio escombros da relva
Nesse pálido medo que tenho visto
Enxergo a luz que do céu responde
Da graça e alento que não se esconde
Veio a mim divino socorro Jesus Cristo

(Cume)

Conquista com diligencia
Os lugares mais elevados
Seja vigilante durante toda a subida
Sem orgulho, a contemplação
Pois a luz do amanhecer brilha primeiro
Na face daqueles que se encontram
No cume das montanhas.

(Áurea Redenção)

Áureas promessas da graça
Onde os tesouros insondáveis de Cristo se escondem
Herança dos redimidos
Aos que levaram a fé ao Salvador
Confiança na santa misericórdia
Indignos diante do Trono do perdão
A busca dos quebrantados
Salvação
Maior bem eterno
Valioso pela Vida do Cordeiro
Que Deus dá em Dom gratuito
Oh! Amor divino incomparável
Prêmio dado aos derrotados
Que receberam a vitória
por aceitarem humildemente
O triunfo eternal do Verbo da Luz
Palavra Encarnado
Cristo Jesus

(Alvorecer)
Estrelas brilham no oceano da madrugada , entre meus olhos e o infinito
A alva brilha em fulgor
Rompendo os grilhões da escuridão
Assim é Cristo
Quando reina no meu coração
A vida pode trazer sombras escuras
Mas o Senhor garante
A glória da vida eterna futura

(Ressurreição)

Ouvi o pranto do meu coração
Quase sufocado de angústias
A alma vazia no pó se derramando
Como as torrenciais chuvas furiosas
Era inverno dentro de mim
O grito divino foi ainda maior
Que me despertou do pó
E eu breve estagiário nos temporais
Ouvi o chamado de Cristo, o Senhor
Floresceu a vida: fim do torpor

(Poentes e Temporais)

Os pássaros da tarde cantam
As chuvas irrigam o relvado
Como doces orvalhos fecundos
Pintando musgos no telhado
Olho as montanhas lacrimejando
Árvores vestidas de vendavais
Penetro pela imaginação profunda
Nas entranhas dos matagais
Odores de sombras baldias
Num bálsamo de distantes vocais
A orla do vento no meu rosto
Correndo aromas das ervas reais
Ah! A vida célebre nesse mistério
Das tardes flutuantes os teus altares
Constelações adormecidas da infância
Na nostalgia clínica de meus pesares
É Deus quem me consola os prantos
Nesse jardim espinheiro voraz
Pois prometestes galardão maior
Pra quem machucado, em Ti buscar paz

(Doce Redenção)

Outrora vi minha alma fraturada na morte, óbito adâmico, edema do desespero humano, absinto tão amargo, o teor destilado do sofrimento, choro úmido de meu coração

E eu nesse pântano, grito da sonora alma que agoniza ao peso de tantos fardos herdados da humanidade, meus pêsames orquestrados no tanger de harpas sem cordas.

Ouvi a mensagem da cruz, o convite de Cristo bondoso, resgate desse calamitoso monturo, o brado da brandura, "Vinde a mim" e fui totalmente salvo, de Deus o perdão e graciosa doçura

(Redenção Amarga)

Palpita meu coração por entre as dores, daquele rude madeiro mortal que outrora foi árvore, que no principio era para ornamentar o Éden, mas tornou-se o opróbrio do martírio do Cordeiro de Deus.

Eu olho trêmulo, tão fria sombra de um espetáculo de vergonhas, naquele momento do horrendo grito do consumado, pois se a morte rasgou o véu do templo o madeiro do berço natalício rasgou a cortina do tempo.

Meus pensamentos mergulham nessa cena tão cruel, a alma do fel que declama ondas sonoras de todas as aflições congeladas, imersas num caudaloso pântano de meus pecados.

É Ele, o Imaculado que transporta o fardo das minhas transgressões, nesse naufrágio nas profundezas abissais da morte, três dias depois ergueu triunfante e glorioso.

Dos grilhões quebrados solta minha alma na redenção, e os anjos bradam e testemunham a ressurreição, foi severo ferimentos, muito mais heróico, é épico: substituição

(Lírios)

Abri os olhos da vida
Visão da providência e aragem
As rameiras de flores selvagens
O trigo que nasceu no campo
Grãos mortos que ressuscitaram
As chuvas do verão venturado
O beijo mortal do arado
Que rasga o cascalho dourado
Nas colinas azuis e ciprestes
As aves de ninhos silvestres
Neblina que goteja orvalho
Sombra debaixo do carvalho
E eu apenas olhando
Vislumbre efêmero contemplando
Os lírios do campo florescendo
O sol da manhã nascendo
Descanso régio de minha alma
Cálice da paciência
Sorvendo da celeste sapiência
A esperança da graça divinal
Bebo deste manancial
E adormeço nos braços da eternidade

(Profundidade e Percepção)

Todas as nossas escolhas têm conseqüências, a carga pesadas das dores que temos que suportar na vida, são adquirido na maioria das vezes pelos erros cometidos durante o percurso.

A projeção de nossos ideais só pode ser medido pela nossa coragem. É necessário que a ousadia confronte sempre o medo, e isso quase sempre deve ser feito de modo estritamente pessoal

É melhor falhar muitas vezes depois de ter tentado, do que viver a constante amargura de não ter acreditado em uma possibilidade

O silencio fecundo repousa na solitude, o contato com o silencio e com a natureza. Nos momentos solitários as flores desabrocham, as nuvens transportam as águas e o coração mergulha na inspiração. É no silencio que podemos perceber a profundidade da nossa existência.

Não há medidas para sonhar, o que jamais devemos é permitir que sonhos sejam confundidos com ilusões

(Campo de Relvas)

O campo dos ventos floresceu
Outono aromático e primavera perene
Perfume de rosas sem espinhos
Pequenas faias e tons silvestres
Verde Vivo de montanhas renovadas
As estações transformadas
Os sabiás cantam com rouxinóis
O belo amarelo dos girassóis
A alva silenciosa destila o frescor
Das luzes brilhantes do divino amor
Os redimidos alegres cantam a vitória
Da criação nova
Os filhos de Deus luzes da glória

(Verticais)

Suporto essas cordas vocais
Surto árido de meus ais
Vou remando em cascalhos
Tecendo as dores vitais
Revolto o pó dos restos mortais
Choro pungente em vasos florais
Árvores gemendo o parto
Montanhas em brados do surto
E eu nesse chão de aquarelas
Pintando com os olhos a dor
Numa sapiência de triste odor
As lágrimas, em prismas, tão belas
Pois tão amargas e mais cinzentas
Nesse mundo tão baixo que afugenta
A mais branda esperança singela
Aqui os fios das lágrimas escoam
Mas no vindouro Deus enxugará
Cada uma delas

(Celeste Vital)

Germinada a santa redenção
No coração ferido pelo pecado
Em charcos lacrimais lamentos
No cálice imaculado das dores
Meu almejo tão precioso
Em que medito ao despertar
Livre dos pântanos de iniqüidade
A cruz voraz atrocidades
Devora o verme repulsivo
Da minha segunda morte
Quais lápides madeiro de redenção
Oh bravo Salvador tão forte!
Das tuas chagas germinam curas
Do teu brado o bálsamo veloz
O pecado violento e tão atroz
Que valiosa argenta expiação
A mim, tão ímpio, o doce perdão

(Arado)

As aflições abrem brechas
Feridas profundas na alma
Córregos avulsos
Que perturbam o fluxo
Da existência
Convulsões trepidantes
Anseios por bálsamos suaves
Quando a prece
Voa ao trono da graça
A alma ferida recebe consolação

(Paradise)

Contemplo a cidade do alto
Brilho puro de preciosas pedras
Almíscar e hortelã nos campos
Estrelas cintilantes no firmamento
Meu beatífico momento
Olhos de âmbar e coração de diamante
A alma terrena da calmaria
Torrentes límpidas de água fria
Salmos de êxtase de pura alegria
Ah! Tantas montanhas na nova terra
Campinas silvestres e portões floridos
Do alto vejo a sagrada paisagem
Das estações coloridas e matizes
Pois nela os salvos vivem felizes

(Ressurreição Primeira)

No chão batido do pó do meu corpo
Recalcado nas pressões do santo jardim
Eu no fôlego silencioso no jazigo
Nem sequer pranteio o perigo
As tempestades no Cáucaso agudo
Agrária e plácida campinas da mortificação
A cósmica atômica ressurreição
O brado celeste tal qual poder infinito
Que clama a ordem secreta no grito
No espetáculo áureo da soberania divina
Do Trono potente a ordem de Cima
Do túmulo que embota as flores coloridas
Das faias e gramíneas glamorosas
Do século que irriga atroz meu pranto
Sigilo portentoso no campo santo
Como nas pétalas que o vento leva embora
A ressurreição primeira que repete a ordem
Outro Lazaro que Sou erguendo pra fora

(A Praia)

Uma vez mais passeio na areia molhada
Entre a fé a vespertina tarde dourada
O reverso reflexo da manhã ensolarada
A brisa soprando nos pinheiros e faias
As ondas sinuosas da imensa praia
É minha alma quem busca o lume
Aroma dos mares salgados intenso perfume
Meu coração a Deus se derrama
Foge das catástrofes quebradiças da noite
Vêm as marés pungentes em açoites
Mas de joelhos ao céu estendo a mão
Chega a minha noite em escuridão
Nascem os ventos que bramam tantos perigos
Mas no vale da sombra da morte
Tu estás comigo

(Céu)

A noite esparsa canta o silencio
Molúria na relva dos campos
O frescor do norte boreal
Hésperus e a estrela do sul
Brilham tais jóias no céu escuro
Diamantes da coroa da criação
O cheiro da noite acalma a alma
Inebriantes perfumes do aljofre
O mar de cima em orquestras luminárias
A lua madrepérola chora reflexos
E os abalos sísmicos da carpintaria
Provocam o despertar do coração
Eu me acordo tão calmo
Na primavera dos sonhos.

(Monte Calvário)

Ergue-te ao esplendor das neves
Brancuras puras do Himalaia
Versáteis picos se elevam empíreos
Ao sumo ártico firmamento
Beijem os picos estrelas longínquas
O côncavo das bravuras dos cumes
Mas vos falarei sincero, Himalaia
O colossal monte mais sublime
Não é maculado em neves brancuras
O mais elevado em seu cume
É o Calvário antigo
Pois o Verbo Deus ali se fez carne
Que ainda humilhado e vazio
Fez-se menor que os anjos
Abrigou forte em seus fundamentos
Grande salvação tingida de escarlate
O maior de todos os montes é vermelho
Pois tingiu a terra com o sangue divino

(Fuga)

O homem pensa que corre fugindo da morte

Mas descobre ao fim da vida que corria ao encontro dela

Não se assustem pobres almas!

O ultimo inimigo a ser vencido em nós

Já foi vencido em Cristo por nós

Amor e Perdão

Cultivar o amor sem perdão é iludir-se

Amor é mais que um sentimento

É uma virtude que sempre impulsiona o coração

À transcender na experiência espiritual

É um mover-se para cima, ao coração de Deus

Pois em Cristo, o Pai Celestial

Imola seu Unigênito Filho na cruz

Para não somente mostrar Seu amor paterno

Mas também oferecer seu divino perdão

Um perdão bendito para que nunca evanesce

Oferecendo em vasos de misericórdia

Para quem não merece

Ao invés de se acostumar com as trevas

Proteste contra ela: Brilhe!

Clavio J. Jacinto

claviojj@gmail.com

claviojacinto@proton.me

facebook/claviojacinto

Paulo Lopes – SC – Brasil